

Zapatismo(s): apropriações e releituras do zapatismo da Revolução Mexicana pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)

Júlia Melo Azevedo Cruz¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de analisar as apropriações e releituras feitas pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) – movimento que surgiu no estado de Chiapas na década de 1980 em favor dos direitos indígenas e contra os efeitos da globalização neoliberal – sobre o zapatismo da Revolução Mexicana de 1910, a figura de Emiliano Zapata, seu projeto político-social, suas reivindicações e a organização de suas comunidades e de seu exército. Tentaremos desconstruir a ideia de que o movimento revolucionário do sul do início do século XX se resumiu a demandas agrárias, buscando compreender suas propostas políticas e sociais mais amplas e complexas para a reorganização da sociedade mexicana. A partir disso, tentaremos demonstrar como o EZLN resgata diversos aspectos do movimento liderado por Emiliano Zapata não somente em seu discurso, mas também em sua prática. Por fim, refletiremos sobre como os dois movimentos, afastados no tempo por mais de setenta anos, guardam diversas características semelhantes e traços de continuidade.

Palavras-chave: Zapatismo; EZLN; Revolução Mexicana.

O movimento indígena mexicano Exército Zapatista de Libertação Nacional, que surgiu no estado de Chiapas na década de 1980 em favor dos direitos indígenas e contra os efeitos da globalização neoliberal, coloca como eixo principal de suas bases teóricas e de suas práticas uma dimensão propriamente mexicana. A definição de seus projetos, a conformação de suas estratégias militares, a organização de suas comunidades autônomas, os ideais e demandas do movimento zapatista se inspiram, sobretudo, nas experiências nacionais de luta revolucionária, na história militar do México, nas tradições e práticas das comunidades indígenas e camponesas do país. Diferente da maior parte dos movimentos de esquerda latino-americanos que atuaram na segunda metade do século XX, os zapatistas não colocam em destaque as ideologias marxistas e leninistas, mas se dedicam a estudar a história geral e militar

¹ Estudante de pós-graduação (mestrado) pela Universidade Federal de Minas Gerais.
Contato: juliameloac@gmail.com



do México, incorporando elementos propriamente nacionais em sua linha ideológica e de ação. Um dos principais elementos da história mexicana resgatados pelo EZLN é o zapatismo de princípios do século XX, movimento revolucionário do sul do país que atuou entre os anos de 1910 e 1919. Neste trabalho, analisaremos a releitura que o EZLN faz da figura de Emiliano Zapata - líder do movimento revolucionário do sul – e de seu projeto político-social, buscando compreender como isso aparece na prática do movimento chiapaneco, em sua organização, em seus ideais e em seu discurso. Considerando que há poucos estudos que tratam do tema, refletiremos sobre como dois movimentos, afastados no tempo por mais de setenta anos, guardam diversas características semelhantes e traços de continuidade. Com isso, colocamos a seguinte questão: é possível pensar na existência de uma cultura política zapatista?

Segundo Arturo Warman, grande parte da historiografia que estudou o zapatismo do início do século XX e outros movimentos campesinos no México tendeu a analisá-los pela perspectiva de suas limitações e debilidades, em outras palavras, pensando frequentemente em seu fracasso. No caso do movimento revolucionário do Sul, a visão mais recorrente era a de que ele era um movimento local, específico de uma classe e incapaz de construir um projeto político-social para uma transformação no âmbito nacional. Além disso, muitos autores afirmam que o grupo zapatista lutou somente pela questão da terra e de sua redistribuição, e que não possuiu um projeto político e demandas mais complexas e abrangentes.² Tentaremos aqui desconstruir essa ideia, buscando analisar algumas das principais propostas políticas e sociais do movimento revolucionário liderado por Emiliano Zapata, e mostrar como elas foram reapropriadas pelo EZLN no final do século.

O zapatismo nasceu em 1910 nas comunidades camponesas e indígenas no estado de Morelos, no contexto da Revolução Mexicana, que colocou fim ao governo ditatorial do presidente Porfirio Díaz, que estava no poder no México desde 1876. O processo revolucionário mexicano contou com a participação de diversos grupos sociais do país, cujas demandas eram bastante distintas entre si. Esta participação plural foi desencadeada por uma crise generalizada, política, econômica e social, que havia afetado no início do século XX todas as classes sociais, rurais e urbanas. As diversas tendências revolucionárias englobavam setores da classe média e também das classes populares, de grupos indígenas, camponeses e trabalhadores urbanos. As

² WARMAN, Arturo. El proyecto político del zapatismo. In: KATZ, Friederich (comp.). *Reuelta, rebelión y revolución. La lucha rural em México del siglo XVI al siglo XX*. México: Era, 1990, Tomo 2, p. 9-10.



classes médias, que se tornavam cada vez mais expressivas no país, não tinham seus interesses atendidos pelo porfiriato. Por outro lado, os camponeses, que sofriam com um grave processo de perda de terras, começaram a se mobilizar em torno, principalmente, da questão agrária. O movimento liderado por Zapata originou-se em uma disputa secular, em um conflito que teve início ainda na época colonial e que se agravou com a mudança legislativa da Constituição de 1857, na qual as terras dos camponeses e indígenas passaram a ser passíveis de compra e venda. Além disso, na segunda metade do século XIX, a modernização da agricultura por meio de novas tecnologias e a entrada do capitalismo no campo fez com que as grandes fazendas avançassem mais sobre as terras comunais das populações que viviam no meio rural.³

Chevalier (s/d) chama atenção para o fato de que o levantamento zapatista não foi um movimento isolado e que ele não deve ser visto apenas como uma explosão de mal estar latente. Esse autor o considera como “o último elo de uma grande cadeia” que abarcava várias mobilizações camponesas armadas que tiveram lugar desde os primeiros anos do século XIX. Em comum com elas o autor aponta o seu caráter camponês, a reivindicação por terras usurpadas pelo latifúndio e o grande apoio e popularidade que o Zapatismo disfrutou.⁴

No caso dos indígenas, segundo Enrique Florescano, no século XIX eles não somente perderam o fundamento jurídico da propriedade comunal, como também sofreram com a desvalorização de suas tradições e de sua cultura.⁵ Na segunda metade do século, e principalmente durante os anos de governo de Porfírio Díaz, o Estado mexicano forjou uma ideologia nacionalista baseada em princípios liberais e europeus, que excluía os indígenas do projeto de nação. A elite criolla pós-colonial impôs um modelo baseado na ideia de civilizar e desenvolver a sociedade mexicana por meio de sua homogeneização cultural, inspirada em elementos ocidentais. Os indígenas eram vistos como um obstáculo ao progresso e à modernização do país, sinônimos de atraso e fracasso e, assim, ficaram de fora da concepção exclusiva e intolerante de nação. Enrique Florescano coloca que

A violência contra as tradições comunitárias provocou um ressurgimento geral das reivindicações indígenas nas distintas regiões do território nacional. Das montanhas do norte às selvas úmidas do sul, o mundo rural se erigiu em rebeliões, sublevações, movimentos religiosos, motins e iradas vozes índias que, nas línguas mais diversas, exigiram a devolução de suas

³ PRADO, Adonia Antunes. “O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 20, abril, 2003, p. 148-9.

⁴ PRADO, Adonia Antunes. “O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 20, abril, 2003, p. 159.

⁵ FLORESCANO, Enrique. Lutas indígenas e camponesas. In: BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Chiapas: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 94.



terras, respeito aos direitos ancestrais, castigo aos crimes dos ladinos, reconhecimento das identidades indígenas e comunitárias, proteção legal para seus povos e línguas, justiça (...).⁶

Dessa maneira, os indígenas também lutaram durante a Revolução Mexicana ao lado do zapatismo, defendendo a questão agrária e a valorização da cultura índia, lutando pelas terras que lhes haviam sido expropriadas e que representavam mais do que uma base material de sobrevivência, mas também a base da organização social e cultural de suas comunidades.

O zapatismo se espalhou pela região centro-sul mexicana, consolidando-se no final de 1911 com a proclamação do *Plan de Ayala*, um ano após o levantamento armado que dá início à Revolução Mexicana. O levantamento encabeçado por Emiliano Zapata consistiu em um dos episódios mais radicais do processo revolucionário e foi combatido “pelos que pretendiam restaurar o regime anterior e também por uma ala de revolucionários pouco interessados nas condições sob as quais os camponeses – indígenas e mestiços, assalariados ou não – tinham passado toda sua vida no campo mexicano.”⁷ Seus principais objetivos eram o reconhecimento dos indígenas e camponeses “como donos legítimos das terras das quais vinham sendo expulsos século após século.”⁸ No *Plan de Ayala* estão contidas algumas das principais ideias zapatistas em relação à questão agrária, central para o grupo de camponeses e indígenas do centro-sul mexicano. Dentre elas, a restituição de terras aos povos e cidadãos, a expropriação das terras que ultrapassassem os limites da pequena propriedade e a confiscação de bens dos inimigos da revolução. Segundo Arnaldo Córdova, os ideais zapatistas se centravam em duas posições: a revolução deveria atender os problemas imediatos das massas camponesas despossuídas de terra e não deveria ser apenas uma mudança de governantes, que proclamariam direitos que não atenderiam a essas massas. O *Plan de Ayala* foi um chamado a todo o povo mexicano a apoiar-se nas armas e a lutar por terra e liberdade, e funcionou como instrumento de consolidação do pensamento zapatista e de divulgação dos ideais revolucionários do grupo do sul.⁹

⁶ FLORESCANO, Enrique. Lutas indígenas e camponesas. In: BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Chiapas: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 100.

⁷ PRADO, Adonia Antunes. “O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 20, abril, 2003, p. 147.

⁸ PRADO, Adonia Antunes. “O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 20, abril, 2003, p. 165.

⁹ CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. 16 reimpressão, México: Era, 1991, p.



Depois de alguns anos, em 1914, os zapatistas se reuniram – juntamente com os villistas e outras facções que lutavam na revolução – na chamada *Soberana Convención Revolucionaria* ou *Convención de Aguascalientes*, momento de maior expressão democrática do período revolucionário que se propôs a discutir os rumos do país. Essa convenção resultou nos documentos *Programa de reformas político-sociales de la Revolución aprobado por la Soberana Convención Revolucionaria* e a *Ley Agraria del 26 de Octubre de 1915*, uns dos mais esclarecedores do projeto político-social zapatista, que enfatizavam o *Plan de Ayala* divulgado em 1911 e seus ideais sobre a questão agrária. Esses documentos continham – dessa vez melhor definido – os ideais e as demandas políticas, sociais e econômicas do movimento zapatista. Apesar de que seu projeto político-social não foi codificado ou formalizado em um conjunto ordenado de propostas legislativas, por meio desses e de outros documentos, podemos perceber que a proposta dos revolucionários do Sul não se limitava à questão da terra, mas abarcava múltiplos aspectos da realidade econômica, social e política do México. Além das questões agrárias, explicitadas no *Plan de Ayala*, os zapatistas defenderam propostas sobre garantias individuais, liberdades e autonomias municipais, governos estadual e nacional, relações trabalhistas, dentre outras.¹⁰

Vale destacar aqui que o *Plan de Ayala*, assim como outros documentos do movimento revolucionário do Sul, também não teve como inspiração central o socialismo: a principal fonte de sua base teórica provinha da vivência secular dos camponeses e indígenas submetidos a expropriações e injustiças. Assim como o EZLN, o zapatismo de princípios do século também buscou continuidade com uma história mexicana de opressão dessas comunidades e procurou se legitimar baseado nela. Segundo Fábio Baião, Maria da Glória Gohn aponta que há uma “necessidade dos movimentos sociais de trazerem elementos históricos para dentro de suas demandas, no sentido de apontá-las como frutos de um longo processo de luta.”¹¹

O movimento revolucionário do Sul se diferenciou radicalmente da classe média que participava da Revolução Mexicana por não se contentar com demandas democráticas e de mudança política que clamavam pela substituição de Porfirio Díaz

14-173 (La otra Revolución) e p. 435-443 (Plano de Ayala).

¹⁰ WARMAN, Arturo. El proyecto político del zapatismo. In: KATZ, Friederich (comp.). *Reuelta, rebelión y revolución. La lucha rural em México del siglo XVI al siglo XX*. México: Era, 1990, Tomo 2, p. 10.

¹¹ BAIÃO, Fábio. *Uma longa Revolução - história, memória e usos políticos do passado na guerra simbólica entre estado e zapatistas no México*. Monografia (Graduação em História) – ICHS-UFOP, Departamento de História, Mariana, 2012, p. 73.



por Francisco Madero; os zapatistas lutavam por mudanças sociais, reais e populares. Para eles, a revolução era concebida como um processo a desenvolver-se na base da sociedade, ou seja, nas comunidades agrárias ou nos chamados *pueblos*. Essas comunidades seriam a unidade social e política central da sociedade reorganizada, teriam autonomia e recursos próprios em relação aos outros níveis de governo, funcionariam democraticamente e estabeleceriam formas de organização e de produção que conviessem a seus costumes e tradições. A autonomia foi um dos principais elementos da proposta política zapatista. Os camponeses e indígenas da região centro-sul do México lutavam pela autonomia de suas comunidades por estarem cansados das “ingerências dos fazendeiros, da polícia rural, do exército, dos caciques e do governo federal”¹². Em sua visão, esses grupos vinham cometendo violência, expropriação e opressão dos camponeses e índios há séculos, e não reconheciam seus direitos e as especificidades de sua tradição e cultura. A Revolução, portanto, se daria *desde abajo* e seria protagonizada pela própria população organizada: os zapatistas entendiam que não deveriam esperar que o aparelho estatal garantisse as demandas populares; o povo, com armas nas mãos, as conquistaria.

O Exército Libertador do Sul não foi um exército profissional, mas, segundo Arturo Warman, uma “milícia popular voluntária”. Seus integrantes eram os próprios camponeses, que não recebiam remuneração para isso e nem constituíam um grupo diferenciado da sociedade. O zapatismo

Planteó y trató de implementar una situación en que el poder armado fuera parte de la soberanía de los pueblos. [...] La visión de un ejército popular, arraigado en los pueblos a través de los trabajadores camponeses, organizado libre e democráticamente, es parte integrante de la ideología zapatista.¹³

Em função disso, as vitórias obtidas no campo militar não foram muitas e os conflitos armados foram em grande parte de baixa densidade. Porém, como bem aponta Javier Garciadiego, “la importancia militar del zapatismo no coincide con su relevancia histórica”¹⁴. A força zapatista estava muito mais presente em suas ideias e em sua capacidade organizativa.

Mais de setenta anos depois, mais especificamente em 1983, surge no estado

¹² PRADO, Adonia Antunes. “O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 20, abril, 2003, p. 168.

¹³ WARMAN, Arturo. El proyecto político del zapatismo. In: KATZ, Friederich (comp.). *Reuelta, rebelión y revolución. La lucha rural em México del siglo XVI al siglo XX*. México: Era, 1990, Tomo 2, p. 19.

¹⁴ GARCADIIEGO, Javier. *Textos de Revolución Mexicana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2010, p. XLIV – XLV. Disponível em: www.bibliotecayacucho.gob.ve.



de Chiapas um movimento indígena e camponês chamado Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que recupera não só o nome de Emiliano Zapata, como se inspira claramente nos ideais zapatistas presentes na década de 1910. Décadas depois, muitas das reivindicações do novo movimento social são semelhantes àquelas do início do século: a questão da terra, ou melhor, da falta dela, ainda é central para as comunidades rurais do sudeste do México; o capitalismo – e mais especificamente o neoliberalismo, no contexto em que atua o EZLN – ainda é o grande inimigo dos indígenas e camponeses pela exploração de terras; e, finalmente, esses grupos continuam a ser esquecidos pelo governo mexicano e a não ser reconhecidos em suas especificidades culturais, fazendo com que os chiapanecos também defendam a valorização da identidade étnica e a autonomia como reivindicações centrais do movimento. Apesar de atuarem em contextos distintos, os problemas e as demandas dos camponeses e indígenas mexicanos seguem quase os mesmos e, tendo isso em vista, o Exército Zapatista de Libertação Nacional opta por utilizar estratégias de ação e de discurso semelhantes às do movimento revolucionário do Sul. Analisaremos mais adiante como se deu essa reapropriação feita pelo EZLN dos ideais e práticas do zapatismo da década de 1910.

O EZLN surgiu em 1983, quando um grupo urbano de inspiração marxista-leninista, próximo das concepções guerrilheiras latino-americanas da época, se instalou na Selva Lacandona e começou, a partir da segunda metade dessa década, a estabelecer contato com as comunidades indígenas da região que já se organizavam em sentido à luta. Esse grupo fundador, à medida que foi convivendo e aprendendo com os locais durante a década de 1980, se deparou com as especificidades da cultura indígena e perdeu gradativamente sua influência no seio do movimento.¹⁵ Houve um distanciamento da experiência de luta revolucionária da América Latina e “o modelo insurrecional à mexicana e a influência comunitária índia prevaleceram sobre o vanguardismo leninista ou guevarista.”¹⁶ O movimento chiapaneco se manteve em silêncio por 11 anos enquanto se preparava para a luta armada e, quando fez sua primeira aparição pública em 1994, o elemento indígena já era dominante.¹⁷

¹⁵ SUBCOMANDANTE MARCOS *apud* LE BOT, Yvon. *O sonho zapatista*. Lisboa – Portugal, Asa, 1997.

¹⁶ LE BOT, Yvon. *O sonho zapatista*. Lisboa – Portugal, Asa, 1997, p. 50.

¹⁷ É importante destacar, entretanto, que apesar de que o elemento indígena já era dominante no momento da primeira aparição pública do EZLN, os zapatistas evitaram enfatizar isso em seus primeiros comunicados, a fim de conquistar o apoio de toda a sociedade mexicana. Nos primeiros comunicados veiculados pelo grupo insurgente, como a Primeira Declaração da Selva Lacandona, nota-se um discurso mais clássico e permeado pela síntese de pensamentos distintos.



Entretanto, nesse período, o EZLN ainda guardava traços dessa fusão de influências diversas, composta por uma cultura indígena, por ideais dos movimentos de libertação nacional e das guerrilhas latino-americanas, por valores patrióticos e herdeiros da esquerda mexicana.

Em janeiro de 1994, o EZLN travou uma guerra contra o exército federal na busca de que o governo mexicano atendesse suas demandas por terra, trabalho, teto, alimentação, educação, saúde, liberdade, democracia, justiça, independência e paz. Após doze dias de confrontos violentos, o governo decretou cessar-fogo seguido pelo EZLN, em decorrência de uma intensa mobilização da sociedade civil que se mostrou em desacordo com a estratégia de luta armada.¹⁸ Apesar de que o governo não deixou de fazer ofensivas ao longo dos anos nos territórios controlados pelo EZLN e de que os zapatistas não abandonaram as armas em defesa de suas comunidades, o grupo insurgente optou por uma estratégia de ação pacífica – que contou com a participação da sociedade civil – e começou a realizar assembleias, mesas de diálogo, consultas e encontros que tinham como objetivo resolver os problemas e as reivindicações das comunidades de Chiapas e dos povos oprimidos do México como um todo.

Entre suas demandas, a questão agrária é primordial. O Exército Zapatista de Libertação Nacional fez sua primeira aparição armada em 1º de janeiro de 1994, dia em que entrava em vigor o *North American Free Trade Agreement* (NAFTA)¹⁹, acordo assinado entre o México, os Estados Unidos e o Canadá. O grupo zapatista desceu armado da Selva Lacandona – sede do movimento localizada no estado de Chiapas – e tomou as cidades de San Cristóbal de Las Casas, Las Margaritas, Ocosingo e Las Cañadas, na região sudeste do país. A assinatura do NAFTA firmava o compromisso do governo mexicano com o neoliberalismo e representava para os povos indígenas e camponeses mais prejuízo, exclusão, ameaça de perda de trabalho e, sobretudo, de terra. O estado de Chiapas já se encontrava em uma situação desfavorável para essas comunidades, caracterizada por altos níveis de pobreza e desigualdade, e por um sistema político oligárquico e clientelar.²⁰ Como coloca Werner Altmann, este estado ficou à margem do processo revolucionário no início do século XX e as reformas agrárias promovidas pelo presidente Lázaro Cárdenas, na

¹⁸ GENNARI, Emilio. *EZLN: passos de uma rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005, cap. 2.

¹⁹ Também conhecido como TLC: Tratado de Livre Comércio.

²⁰ MARTÍNEZ ESPINOZA, Manuel Ignacio. "El movimiento zapatista: un análisis desde la teoría de movilización de recursos". *Revista Kairos*, San Luis, ano 10, n. 18, 2006, p.4.



década de 1930, pouco atingiram a região.²¹ Além do descontentamento com o NAFTA, a reforma do Artigo 27 da Constituição em 1992 pelo então presidente Carlos Salinas de Gortari acabou com a perspectiva dos camponeses da partilha da terra, com a criação de condições para o desmantelamento dos *ejidos*, as comunidades agrárias provenientes da Revolução Mexicana.

Em resposta a todos esses fatores – que dizem respeito tanto às condições locais do estado de Chiapas quanto a um contexto global do capitalismo – os grupos indígenas e camponeses da região da Selva Lacandona travaram uma luta que girava muito em torno da falta de terra e da opressão a que eram submetidos há séculos. Nos discursos veiculados pelo movimento, seus integrantes dizem que querem voltar ao “espírito original” da Constituição de 1917 – principalmente no que diz respeito ao artigo 27 – e de Emiliano Zapata, no qual a questão agrária é central: “El artículo 27 de la Carta Magna debe respetar el espíritu original de Emiliano Zapata: la tierra es para los indígenas e campesinos que trabajan.”²²

Para os zapatistas chiapanecos, a terra também representa mais do que um meio material de vida: ela possibilita a organização social e cultural das comunidades índias, um local onde aqueles povos podem desenvolver livremente suas tradições e seus costumes. Ao longo do século XX, os indígenas seguiram sendo excluídos da ideia de nação mexicana e suas identidades étnicas continuaram a ser desvalorizadas – dessa vez justificado pela ideologia da mestiçagem.²³ Com a permanência deste problema, portanto, assim como os indígenas do século XIX e daqueles que lutaram com o movimento zapatista da Revolução Mexicana, a questão da valorização de suas práticas, costumes e tradições também é reivindicada pelos insurgentes de Chiapas.

Assim como os zapatistas da Revolução Mexicana, a autonomia também é reivindicação central do EZLN. Esse movimento também considera que as comunidades indígenas, por terem especificidades culturais e diferentes maneiras de se organizar de acordo com suas tradições, devem ter autonomia para gerir a terra, a produção, as relações de trabalho, as tomadas de decisões políticas e até suas leis. Os zapatistas de fins do século XX resgatam a ideia, contida no discurso de Emiliano

²¹ ALTMANN, Werner. A rebelião indígena de Chiapas: anti-neoliberalismo orgânico da América Latina. In: Paulo Barsotti; Luiz Bernardo Pericás. (org.). *América Latina - história, ideias e revolução*. 1 ed. São Paulo: Xamã, 1998, p. 185.

²² Comunicado denominado *Al pueblo de México: las demandas del EZLN*, escrito em 1 de março de 1994. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>. Acessado em: 12 de junho de 2015.

²³ Para mais sobre ideologia da mestiçagem e indigenismo, ver: GIL, Antonio Carlos Amador. *O lugar dos indígenas na nação mexicana: tensões e reconfigurações da identidade nacional mexicana no século XX*. Vitória: Aquarius, 2013.



Zapata e do grupo do qual foi liderança, de que os governos estadual e federal, o exército e a polícia rural não atendiam aos interesses das comunidades e não levavam em conta seus costumes e tradições para resolver as questões e demandas relativas a elas. Dessa maneira, o EZLN criou, em 1994, os chamados Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ), pequenos territórios sobre o controle das bases de apoio zapatistas no estado de Chiapas que tinham novas fronteiras e governos civis autônomos aos governos dos municípios oficiais. Os MAREZ podem ser vistos como base social do movimento zapatista e como projeto alternativo de sociedade, nos quais os recursos, a produção e as formas de organização política, social, cultural e econômica funcionariam de acordo com as decisões tomadas, democraticamente, pelas comunidades. Vemos aqui, portanto, um projeto bastante semelhante às comunidades e *pueblos* defendidas como unidade política e social básica pelo projeto zapatista do início do século. Para ambos os movimentos, as mudanças reais se desenvolveriam a partir dessas comunidades, consideradas como a base da sociedade. De acordo com Adonia Antunes Prado, no caso do movimento revolucionário do Sul, os *pueblos* aparecem como importante estrutura da tradição e da resistência camponesa:

A organização da população na região morelense em *pueblos* foi fundamental para a revolução. Forma social independente cravada no coração da comunidade, o *pueblo* tornou-se decisivo para a politização do movimento zapatista em Morelos, uma vez que sua forma de funcionamento, transferida à própria organização da luta revolucionária, implicava em discussões constantes, construção da representação e na explicitação de consensos e dissensos.²⁴

Estendemos essa interpretação para o EZLN, uma vez que esse movimento se desenvolveu no seio das comunidades indígenas do estado de Chiapas e também se baseou em suas formas de funcionamento, em suas tradições e em sua cultura democrática, aplicando-as na organização do movimento.

Além da questão da autonomia, encontramos outro ponto de interseção entre os dois grupos zapatistas: de acordo com o movimento revolucionário do Sul e posteriormente com o EZLN, a população civil não deveria depender do governo e das mudanças propostas por ele, uma vez que, baseados em séculos de história, esses povos sabiam que o aparelho estatal não oferecia nada além de promessas vazias,

²⁴ PRADO, Adonia Antunes. "O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul". *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 20, abril, 2003, p. 157.



esmolas e mudanças ínfimas para essa parte da população. Assim, os camponeses e indígenas deveriam tomar as armas, se organizar e lutar por uma mudança concreta de suas condições de vida. Esse protagonismo da sociedade civil, a importância de sua organização e atuação, e a defesa da luta armada como maneira legítima de ação política são elementos que podem ser observados no zapatismo da Revolução Mexicana e que foram apropriados no repertório de ação coletiva do EZLN.²⁵

Sobre a questão da luta armada, nota-se que o EZLN se inspirou na ideologia militar do Exército Libertador do Sul: seu exército não é profissional, é organizado livre e democraticamente, e seus integrantes também são exclusivamente indígenas e trabalhadores rurais, que não recebem nenhuma remuneração para estar ali. O exército possui pobres condições de armamento e a guerra travada contra o exército federal também foi de baixa densidade. Contudo, os zapatistas de Chiapas, mesmo com pouquíssima força militar e ao contrário da grande maioria dos outros movimentos indígenas modernos da América Latina, optaram por recorrer às armas.²⁶ Entendemos que a estratégia de luta armada escolhida pelo EZLN foi inspirada em parte na atuação do movimento zapatista do início do século; os dois movimentos possuíram em seu discurso a ideia de que a luta armada era a única maneira de chamar a atenção da população e do governo, de conquistar mudanças reais e efetivas. Subcomandante Marcos, em uma entrevista com Yvon Le Bot, deixa clara essa inspiração em Zapata:

Quanto ao exército regular, servimo-nos dos manuais de história militar sobre a época da Guerra da Independência, sobretudo Morelos, e sobre a Revolução, a División del Norte de Pancho Villa e o Ejército Libertador del Sur de Zapata. É daí que vem a estruturação do exército zapatista em pelotões, seções, companhias, batalhões, divisões, corpos de exército, exército, grande exército e até a estrutura de comando. É um esquema muito semelhante ao dos exércitos de Villa e Zapata.²⁷

Ademais, a luta armada dos dois exércitos não teve a intenção de conquistar o poder no México, seja no âmbito regional ou nacional. Ambos os movimentos tem o ideal de fundar uma sociedade em que a comunidade como um todo passasse a ser

²⁵ Repertório de ação coletiva: conceito cunhado pelo historiador, cientista político e sociólogo Charles Tilly, que se refere às maneiras de fazer política de um grupo. O repertório pode ser definido como um conjunto de formas de ação compartilhadas por um grupo de atores sociais, bem definido, limitado, e com características de estabilidade e continuidade.

²⁶ LE BOT, Yvon. *O sonho zapatista*. Lisboa – Portugal, Asa, 1997, p. 16.

²⁷ SUBCOMANDANTE MARCOS *apud* LE BOT, Yvon. *O sonho zapatista*. Lisboa – Portugal, Asa, 1997, p. 88.



protagonista da mudança social e não apenas espectadora.²⁸ Para os zapatismos, a soberania popular não deve ser traduzida em uma democracia formal e representativa, mas em uma democracia direta, apoiada nas unidades sociais que controlassem a terra, que tivessem autonomia política e econômica e poder armado. Tanto para Emiliano Zapata como para o Subcomandante Marcos, porta-voz oficial por 20 anos do EZLN, há uma distinção entre tomar o poder e exercê-lo: o governo é visto como instrumento de repressão e como centralista, e o poder deve vir de baixo. Segundo Arturo Warman, para o zapatismo do início do século, por exemplo,

El proceso revolucionario debía desarrollarse en la base de la sociedad y no en la cúspide. El cambio en la existencia, establecido y defendido con las armas, debía preceder al cambio en el Estado. Sólo así sería definitivo, irreversible. Primero debía entregarse la tierra, el poder militar y la autonomía política a las unidades constitutivas de la sociedad, para rehacer al Estado como una unidad colectiva de servicio. El poder del viejo régimen debía disolverse, repartirse en la base de la sociedad, para dar paso a una nueva organización estatal. El nuevo Estado emanaría de las comunidades, confederándolas pero sin avasallarlas.²⁹

Outro claro exemplo de reapropriação feita pelo EZLN dos símbolos zapatistas do início do século é a nomeação dos locais onde ocorrem suas assembleias de *Aguascalientes*. Como mencionado anteriormente, entre outubro de 1914 e outubro de 1915, ocorreu, em uma cidade chamada Aguascalientes, uma assembleia entre os principais chefes revolucionários para discutir os rumos que o México deveria tomar, que ficou conhecida como *Convención de Aguascalientes*. O EZLN, em agosto de 1994, quando realizou a chamada Convenção Nacional Democrática para dialogar com a sociedade civil sobre as demandas colocadas pelos zapatistas, denominou também o local onde ela ocorreu – e assim nomearia todos os locais onde ocorreriam as assembleias e convenções posteriores – de *Aguascalientes*, em clara retomada ao processo ocorrido na Revolução Mexicana.

Entre os elementos zapatistas de princípios do século XX mobilizados pelo movimento chiapaneco, o que se faz mais presente em seu discurso é a figura de Emiliano Zapata, líder do movimento revolucionário do sul. Para o EZLN, Zapata foi a essência da Revolução Mexicana de 1910 e sua figura é tratada como heroica, como um mito, quase imortal. Esse elemento mítico garante em grande parte a identidade

²⁸ HILSENBECK FILHO, A. M., CABRAL, F. "Democracia e governos autônomos – Uma reflexão a partir da experiência do Exército Zapatista de Libertação Nacional". *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n. 2, jul/dez 2005, p. 5.

²⁹ WARMAN, Arturo. El proyecto político del zapatismo. In: KATZ, Friederich (comp.). *Reuelta, rebelión y revolución. La lucha rural en México del siglo XVI al siglo XX*. México: Era, 1990, Tomo 2, p. 22.



do grupo. Sabemos que no México, desde o processo revolucionário iniciado em 1910, diversos grupos políticos e movimentos – inclusive o governo federal – se apropriaram da imagem de Zapata, numa tentativa de legitimar suas demandas e ações no cenário político mexicano. A apropriação feita pelo EZLN, entretanto, foi “singular na medida em que os rebeldes postularam uma estreita linha de continuidade com os ideais zapatistas do início do século XX.”³⁰ A intenção do grupo insurgente de Chiapas foi propor um regresso aos “reais” valores revolucionários propostos pelo líder do Exército Libertador do Sul, em clara disputa com a apropriação feita pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI) e por Carlos Salinas de Gortari, presidente do México quando do levante chiapaneco. No trecho abaixo, retirado de um comunicado escrito pelo EZLN em abril de 1994, é possível perceber essa disputa:

El día de hoy, 10 de abril de 1994, se cumple el 75 aniversario del asesinato del general Emiliano Zapata. Su grito de *¡Tierra y Libertad!* pretendió ser ahogado por la traición de Venustiano Carranza. Hoy el usurpador Salinas de Gortari, quien se autodenomina “presidente de la República mexicana”, miente al pueblo de México diciendo que sus reformas al artículo 27 constitucional reflejan el espíritu del general Zapata. ¡Miente el supremo gobierno! Zapata no morirá por soberbio decreto. El derecho a la tierra para quien la trabaja es irrenunciable y el grito guerrero de *¡Tierra y Libertad!* sigue sin encontrar descanso en estas tierras mexicanas. (...) Las reformas salinistas al artículo 27 de la Carta Magna representan una traición a la patria, y como responsable de este delito debe ser juzgado quien usurpa el Poder Ejecutivo federal en México.³¹

Segundo os insurgentes da década de 1990, eram eles os verdadeiros herdeiros da revolução zapatista, que teria sido inacabada e deveria, portanto, ser retomada pelo EZLN.

O resgate da figura de Emiliano Zapata e dos ideais zapatistas do processo revolucionário mexicano teve a função de legitimar o movimento chiapaneco perante a comunidade nacional, evitando que o levante fosse considerado como apenas indígena, local ou étnico. Segundo o Subcomandante Marcos, havia uma grande preocupação para que a população do país não visse o movimento de fora, mas de dentro.³² Nesse sentido, o EZLN, ao mobilizar a figura de Emiliano Zapata, resgata

³⁰ BAIÃO, Fábio. *Uma longa Revolução - história, memória e usos políticos do passado na guerra simbólica entre estado e zapatistas no México*. Monografia (Graduação em História) – ICHS-UFOP, Departamento de História, Mariana, 2012, p. 81-82.

³¹ Comunicado denominado *Aniversario del asesinato de Zapata: ¡Miente el supremo gobierno!*, escrito em 10 de abril de 1994. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>. Acessado em: 12 de junho de 2015.

³² LE BOT, Yvon. *O sonho zapatista*. Lisboa – Portugal, Asa, 1997, p. 121.



elementos simbólicos e históricos da Revolução Mexicana amplamente difundidos na memória coletiva e no imaginário nacionais, alcançando maior amplitude para as propostas do movimento. Ademais, esse resgate produz sentido para experiências passadas, tendo em vista a construção de um novo presente e futuro.

É importante colocar que apesar de enfatizarmos as semelhanças entre os movimentos e os elementos resgatados pelo EZLN em relação ao zapatismo do início do século – objetivo deste trabalho –, não buscamos afirmar que há uma simples continuidade entre os dois grupos e seus projetos. Eles atuam em contextos históricos distintos e testemunham diferentes fases do capitalismo no México e no mundo, que os impacta de diversas maneiras. Ambos os movimentos lutam contra a inserção do capital no campo e os efeitos negativos que ela provoca para os grupos camponeses e indígenas, porém os zapatistas de Chiapas possuem a especificidade de lutar contra um capitalismo em fase de globalização neoliberal, que afeta e oprime as grandes majorias ao redor do mundo. Dessa maneira, possuem demandas que se dirigem não só ao país mexicano, mas de maneira geral a todos aqueles envolvidos e afetados pelo neoliberalismo. Nesse contexto, são influenciados por e influenciam os chamados novos movimentos sociais espalhados ao redor do globo no final do século XX e início do XXI, movimentos esses que possuem novas maneiras de agir e de se organizar. Dentre essas novas estratégias de ação política, por exemplo, podemos citar a construção de redes de comunicação e solidariedade entre os movimentos e ativistas, e a realização de fóruns e encontros internacionais. O EZLN, apesar de ser um movimento majoritariamente indígena que compartilha de certa cultura política zapatista, possui a particularidade de congregar diferentes tradições, perspectivas, maneiras de agir, visões de mundo, que dizem respeito não somente ao mundo indígena, mas também ao cenário urbano, globalizado e característico do final do século XX. E é justamente essa capacidade de confluência entre elementos tão diversos, que aparece sobretudo na linguagem zapatista, que é considerada, inclusive pelo próprio movimento, como um dos principais trunfos do grupo insurgente chiapaneco.³³

Não obstante as diferenças e particularidades, tentamos refletir, ao longo deste trabalho, sobre como o Exército Zapatista de Libertação Nacional resgatou diversos elementos do movimento zapatista que atuou durante a Revolução Mexicana. Esse

³³ SUBCOMANDANTE MARCOS *apud* LE BOT, Yvon. *O sonho zapatista*. Lisboa – Portugal, Asa, 1997, p. 194-195.



resgate, como citamos anteriormente, não foi exclusivo do EZLN: vincular projetos político-sociais e ideais ao passado revolucionário nacional foi algo largamente utilizado por diversos outros grupos mexicanos, principalmente o governo e o PRI. De acordo com Fábio Baião, “o processo revolucionário de 1910 foi construído e reconstruído ininterruptamente ao longo do século XX.”³⁴ O EZLN, entretanto, teve a especificidade de fazer esse resgate não somente em seu discurso, mas também em sua prática. Com base no movimento revolucionário do sul, o grupo insurgente chiapaneco inspirou-se em seus ideais, reivindicações, em seu projeto político-social para a sociedade mexicana, em sua forma de organização, luta armada, dentre outros elementos. O EZLN partilha com o zapatismo de princípios do século XX estratégias de ação política, discursos, símbolos, visões de mundo, mitos, imaginários, valores, tradições e representações políticas. Tendo isso em vista, pensamos na existência de uma cultura política zapatista, que “expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro”³⁵. Cabe ainda colocar que os comunicados escritos e veiculados pelos integrantes do movimento podem ser vistos como portadores e vetores desta cultura, já que são o principal meio pelo qual veiculam sua ideologia, seus símbolos, seu imaginário, dentre outros elementos. Por fim, é importante destacar que apesar de um movimento se dar no início do século XX e outro no final, muitas das demandas camponesas e indígenas permanecem as mesmas, por não terem sido, até hoje, atendidas. Isso demonstra que há uma significativa parcela da população mexicana relegada ao esquecimento, descontente, que busca maneiras de chamar a atenção do governo e da sociedade nacional – e, no caso do EZLN, também internacional – para que suas condições de vida melhorem.

³⁴ BAIÃO, Fábio. *Uma longa Revolução - história, memória e usos políticos do passado na guerra simbólica entre estado e zapatistas no México*. Monografia (Graduação em História) – ICHS-UFOP, Departamento de História, Mariana, 2012, p. 95.

³⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, p. 21.



Referências Bibliográficas

- ALTMANN, Werner. A rebelião indígena de Chiapas: anti-neoliberalismo orgânico da América Latina. In: Paulo Barsotti; Luiz Bernardo Pericás. (org.). *América Latina - história, ideias e revolução*. 1 ed. São Paulo: Xamã, 1998, p. 183-203.
- BAIÃO, Fábio. *Uma longa Revolução - história, memória e usos políticos do passado na guerra simbólica entre estado e zapatistas no México*. Monografia (Graduação em História) – ICHS-UFOP, Departamento de História, Mariana, 2012.
- BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al (org). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- BRANCALEONE, Cassio. “A experiência de autogoverno zapatista em questão”. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <http://www.aacademica.com/000-062/2207>
- CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. 16 reimpressão, México: Era, 1991, p. 14-173 (La outra Revolução) e p. 435-443 (Plano de Ayala).
 _____ *La revolución y el Estado em México*. México: Era, 1989, p. 54-75 (capítulo III – La lucha ideológica em a Revolución Mexicana)
- FLORESCANO, Enrique. Lutas indígenas e camponesas. In: BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Chiapas: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 93 a 101.
- GARCIADIEGO, Javier. *Textos de Revolución Mexicana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2010. Disponível em: www.bibliotecayacucho.gob.ve. Acessado em: 10 de maio de 2015.
- GENNARI, Emilio. *EZLN: passos de uma rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- GIL, Antonio Carlos Amador. *O lugar dos indígenas na nação mexicana: tensões e reconfigurações da identidade nacional mexicana no século XX*. Vitória: Aquarius, 2013.
- HILSENBECK FILHO, A. M., CABRAL, F. “Democracia e governos autônomos – Uma reflexão a partir da experiência do Exército Zapatista de Libertação Nacional”. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n. 2, jul/dez 2005, p. 55-74.
- LE BOT, Yvon. *O sonho zapatista*. Lisboa – Portugal, Asa, 1997.



MARTÍNEZ ESPINOZA, Manuel Ignacio. “El movimiento zapatista: un análisis desde la teoría de movilización de recursos”. *Revista Kairos*, San Luis, ano 10, n. 18, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009.

ORNELAS, Raúl. A autonomia como eixo da resistência zapatista. Do levante armado ao nascimento dos caracoles. In: *Hegemonias e emancipações no século XXI*.

CECEÑA, Ana Esther. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

Disponível em:
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/cece2PT/o8_ornelas.pdf

PRADO, Adonia Antunes. “O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 20, abril, 2003, p. 144-174.

WARMAN, Arturo. El proyecto político del zapatismo. In: KATZ, Friederich (comp.). *Reuelta, rebelión y revolución. La lucha rural em México del siglo XVI al siglo XX*.

México: Era, 1990, Tomo 2, p. 9-23.

Referências Documentais

COMANDANCIA GENERAL DEL EZLN. *Aniversario del asesinato de Zapata: ¡Miente el supremo gobierno!* México, 10 de abril de 1994. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>. Acessado em: 08 de junho de 2015.

COMANDANCIA GENERAL DEL EZLN. *Al pueblo de México: las demandas del EZLN* México, 1 de março de 1994. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>. Acessado em: 08 de junho de 2015.

